



# IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

## “Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

### O FANTOCHE COMO RECURSO NA INCLUSÃO DE UMA ALUNA COM SÍNDROME DE WILLIAMS-BEUREN E AUTISMO

Tatiana Aparecida de OLIVEIRA (SED/MS)<sup>1</sup>

**Eixo 8** – Relato de Experiência

**RESUMO:** O presente relato tem por finalidade compartilhar experiências inclusivas envolvendo uma aluna diagnosticada com síndrome de Williams-Beuren e autismo, matriculada em uma escola do campo no município de Glória de Dourados/MS. Crianças com Síndrome de Williams são interativas, desenvolvem a oralidade e são consideradas pessoas que apresentam boas relações sociais. Mas, nesse caso específico, houve a presença do Autismo, culminando em comprometimentos como: atraso psicomotor e na fala e sensibilidades auditiva e tátil, dificultando o interesse pela socialização e pelas atividades escolares. Assim, apresentamos como objetivo destacar o papel do lúdico no processo de ensino-aprendizagem escolar a partir do desenvolvimento pedagógico incluindo fantoches como recurso para mediação do conhecimento. O lúdico proporcionou para a estudante momentos de alegria, de autoconhecimento, além de ter contribuído para melhorar o reflexo e respostas aos estímulos durante as atividades. Procuramos abordar questões que nortearam o desenvolvimento do trabalho refletindo sobre o papel do/a professor/a como mediador/a do conhecimento diante de alunos especiais autistas e o uso de fantoches como recursos pedagógicos da inclusão na educação infantil. A escola é um lugar que deve ser preparada para responder as necessidades de aprendizagem dos educandos, portanto, dela deve partir o interesse de repensar o educar considerando as particularidades e respeitando as diferenças, proporcionando realidades inclusivas.

**PALAVRAS CHAVE:** Inclusão. Williams-Beuren. Autismo. Ludicidade.

---

<sup>1</sup> Professora de apoio em ambiente escolar (SED/MS). Especialista em Educação Especial pela UEMS e Licenciada em Geografia e Pedagogia. E-mail: tatianaoli1983@gmail.com.

## **Introdução**

O presente relato de experiência tem por objetivo abordar a importância do lúdico no processo de socialização e inclusão escolar de uma aluna com síndrome de Williams-Beuren e Autismo.

Na busca da compreensão sobre o assunto no fazer pedagógico, procuramos abordar questões que nortearam o desenvolvimento do trabalho:

- O papel do/a professor/a como mediador/a do conhecimento diante das dificuldades de aprendizagens de alunos especiais.
- O uso de fantoches como recurso no processo ensino-aprendizagem de crianças com necessidades especiais.

Buscamos ressaltar a importância do processo de interação da estudante com seus pares e o papel do lúdico como mediador no processo ensino-aprendizagem. Destacamos a importância de reconhecer as características da estudante e suas especificidades para melhor adequar as atividades envolvendo também as necessidades de aprendizagem da turma ao qual ela estava matriculada.

Para a estruturação bibliográfica desse relato tomamos como referências principais Mantoan (2003), Brasil (2008), Filho & Cunha (2010), entre outros.

Neste contexto, o objetivo central desse relato de experiência é apontar meios de desenvolver habilidades sociais, sensoriais e cognitivas, usando fantoches como recurso na inclusão de crianças da educação infantil.

## **O contexto escolar**

A escola protagonista desses momentos de experiências encontra-se no município de Glória de Dourados e é uma Escola do Campo, atende principalmente alunos oriundos da Zona Rural, razão pela qual seu currículo se estrutura a partir de metodologias de ensino do campo.

É importante ressaltar que o ensino das escolas do/no campo devem respeitar a identidade e os valores dos espaços de vivências dos educandos.

O currículo para uma escola do campo deve permitir que professores/as compreendam que os sujeitos que vivem no campo têm histórias, participam e/ou participaram de lutas, conflitos e tensões sociais, são sonhadores/as, choram/sorriem, têm nomes e

sobrenomes, têm lembranças, memórias, gêneros e etnias. Ele pode ainda colaborar para a construção e reconstrução de espaços físicos, simbólicos de território para seus sujeitos. (SILVA, 2014, p. 86).

Outra preocupação da escola é com a responsabilidade em oferecer um ensino para atender a inclusão de alunos com necessidades especiais. Objetivando a qualidade de ensino, respeitando o homem do campo, o meio ambiente e as particularidades de cada indivíduo no processo ensino-aprendizagem.

### **Conhecendo a aluna**

A aluna em questão foi matriculada na escola aos 7 anos de idade e não havia passado por experiências escolares anteriormente. Nos seus primeiros anos de vida foi diagnosticada com síndrome de Williams-Beuren, sendo que havia outras alterações genéticas associadas que acabaram por lhe afetar com comprometimento intelectual, psicomotor e sensorial. Aos 8 anos de vida também houve o diagnóstico de Autismo. Ela não desenvolveu a fala e não anda, apresenta grande sensibilidade principalmente auditiva. Quando chegou à escola a dificuldade de interação que apresentava era principalmente por conta do barulho das conversas de outras crianças e adultos. Com o tempo ela foi se adaptando.

O primeiro ano escolar da aluna foi para desenvolver principalmente habilidades sensoriais em ambiente individualizado.

Quando iniciou o segundo ano escolar surgiu-me à oportunidade de acompanhá-la como sua professora de apoio em ambiente escolar. De início minha preocupação era em como inseri-la de forma inclusiva na sala de aula, de maneira que ela pudesse partilhar dos momentos de aprendizagem junto com seus pares. Desse modo, comecei a observar quais eram seus objetos de interesse para criar mecanismos de envolvê-la nas atividades.

Nós, professores, temos de retomar o poder da escola, que deve ser exercido pelas mãos dos que fazem, efetivamente, acontecer à educação. Temos de combater a descrença e o pessimismo dos acomodados e mostrar que a inclusão é uma grande oportunidade para que alunos, pais e educadores demonstrem as suas competências, os seus poderes e as suas responsabilidades educacionais. (MANTOAN, 2003, p. 29).

Percebi que quase não havia recursos que lhe chamasse atenção. Um dia fiz a aquisição de vários livros infantis interativos, entre eles, livros sonoros e um em especial de fantoche. Iniciei então um processo de observação juntamente com a professora regente para verificar quais livros eram de seu interesse. Foi quando percebemos que o livro fantoche era seu apego principal, e que, portanto, poderíamos abrir novos leques de conhecimento para a aluna a partir daquele objeto. Assim, buscamos inserir no seu dia a dia o universo mágico do tetro de bonecos.

Os fantoches serviam de apoio na mediação do conhecimento, com eles explicávamos as atividades e com eles acalentávamos suas angústias nos momentos de crises sensoriais. Foram momentos de enriquecimento pedagógico para todos os envolvidos. O fantoche passou a ser parte da escola e assumiu uma função de personagem do conhecimento, de socializador, de integrante principal daquele momento de inclusão.

A escola é um lugar que deve ser preparada para responder as necessidades de aprendizagem dos educandos, portanto, dela deve partir o interesse de repensar o educar, considerando as particularidades e respeitando as diferenças, proporcionando realidades inclusivas.

A inclusão escolar tem início na educação infantil, onde se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança. Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de intervenção precoce que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social (BRASIL, 2008).

Assim, umas das possibilidades de trabalho que colaboraram no processo de inclusão e socialização foram às atividades em grupos com a manipulação dos fantoches. Contribuíram para que a sala de aula se tornasse um universo lúdico e encantador, afastando da aluna seus medos e angústias que antes se mostravam evidente em coisas simples, como no bater do apagador no quadro para tirar o pó de giz, ou mesmo, nas mudanças do tom de voz das aulas expositivas.

As possibilidades de trabalho com os fantoches foram inúmeras, tanto para socialização, para as atividades de desenvolvimento da oralidade, para o controle emocional e na mediação no processo de realização de atividades, que no caso eram adaptadas à realidade dela e quase sempre sensoriais.

Normalmente crianças com Síndrome de Williams são interativas com outras pessoas, desenvolvem a fala e são consideradas crianças que apresentam boa comunicação. Mas, nesse caso específico, também houve a presença do Autismo, culminando em atraso psicomotor e na fala e sensibilidades auditiva e tátil.

O autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuadamente prejudicado na interação social e comunicação, além de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. As manifestações desse transtorno variam imensamente a depender do nível de desenvolvimento e idade.

Os prejuízos na interação social são amplos, podendo haver também prejuízos nos comportamentos não verbais (contato visual direto, expressão facial, gestos corporais) que regulam a interação social. As crianças com autismo podem ignorar outras crianças e não compreender as necessidades delas. (BELISARIO FILHO; CUNHA, 2010, p. 15)

Na busca de meios para tornar as experiências escolares agradáveis e atrativas para a educanda, os fantoches mostravam-se recursos interessantes para desenvolver habilidades importantes. Ela enxergava neles um personagem que a transportava para um universo calmo e diferente da realidade de uma sala de aula da educação infantil. Eram visíveis como os fantoches conseguiram transformar aquele ambiente de sala de aula, por sinal envolvia toda a turma que ao final das atividades individuais vinham correndo e formavam um círculo para compartilhar experiências com a coleguinha, manuseando os fantoches e outros objetos sensoriais que faziam parte de sua rotina. Segundo Berthold (2001) o teatro é tão velho como a existência da humanidade, basta o corpo do artista para manifestar mundos inteiros. E foi usando do teatrinho com fantoches que possibilitamos o encontro da estudante com a realidade escolar.

Nem sempre o professor consegue inserir o aluno com autismo nas atividades e brincadeiras escolares, porém, houve persistência em sempre provocar situações que despertasse o interesse pelas atividades em grupo, colaborando na aceitação e envolvimento das atividades e contribuindo nas relações com seus pares.

O uso de meios tecnológicos facilitou nesse processo, como a introdução de músicas infantis em apresentações de vídeos, tendo sempre o fantoche nas mãos cantarolando como se fosse à extensão do virtual para o real.

Lembrando que por se tratar de uma Escola do Campo os vídeos infantis e até mesmo os fantoches eram escolhidos para vislumbrar esse universo, no caso, trazendo imagens de animais, sítios ou fazenda. Um exemplo trata-se do vídeo infantil 'Seu MaC Donald tinha um sítio', muito apreciado pela aluna.

As escolas para Mantoan (2004, p.40) que realmente promove a inclusão evidencia o desenvolvimento comunitário, elevando valores, atitudes, princípios e ideais.

Quando garante a todos o direito à educação e ao acesso à escola, a Constituição Federal não usa adjetivos e, assim sendo, toda escola deve atender aos princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade ou deficiência. (MANTOAN, 2003, p. 22).

É importante ressaltar que havia uma preocupação na entonação da voz ao apresentar as canções infantis usando o fantoche ou no diálogo diário e na mediação do processo de aprendizagem da estudante. Fazia necessário manifestar vida nos bonecos, envolver emoções, criar situações que a permitisse reconhecer naquele objeto manipulado a 'ilusão' de que alguém real estava de fato interagindo com ela.

Ivic (2010) acrescenta que é muito importante o papel da cultura no desenvolvimento individual. Comenta que para Vygotsky:

São os diferentes instrumentos e técnicas (incluindo as tecnologias) que o homem assimila e orienta para si mesmo, para influenciar suas próprias funções mentais. Assim, cria-se um sistema gigantesco de "estímulos artificiais e externos" pelos quais o homem domina seus próprios estados interiores. (IVIC, 2010, p. 19-20).

Era a forma de apresentar as músicas pelos fantoches que gerava as condicionantes para a aceitação da estudante no envolvimento das atividades sensoriais e brincadeiras.

Experiências demonstram que, desde a idade de 1 ano, aproximadamente, a música incita o bebê a se balançar, embora não

haja sincronização entre o ritmo da música e o balanço. Por volta dos 3 ou 4 anos de idade, essa sincronia se estabelece.

A psicologia contemporânea tem destacado a importância e a estreita relação que existe entre o desenvolvimento das noções gerais de espaço e tempo e o desenvolvimento harmonioso da criança e seu crescente domínio do movimento ritmado. (JEANDOT, 1997, p.26)

Desse modo, o fantoche e a música contribuíram significativamente para a estruturação cognitiva da aluna, dando-lhe noções importantes de equilíbrio emocional e espaço/tempo de maneira divertida e prazerosa, era perceptível quando terminava uma brincadeira (atividade) de seu interesse e ela não se irritava como em casos anteriores, quando não havia o trabalho com os fantoches. Pouco a pouco seu interesse pelo universo escolar aumentou e com ele a necessidade de explorar ambientes e interagir com seus pares. O lúdico proporcionou momentos de alegria, de autoconhecimento, além de ter contribuído para melhorar o reflexo e respostas aos estímulos durante as atividades.

### **Conclusões**

A Educação Especial é uma área da educação onde o professor deve buscar explorar todo o tipo de interesse possível apresentado pelo estudante. O primeiro passo é observar as habilidades, as necessidades e respostas dadas aos estímulos. A persistência também é um grande diferencial, cada criança tem um tempo diferente para dar uma resposta no processo ensino-aprendizagem.

É importante a observação constante dos interesses ou não pelos recursos oferecidos. A adaptação de materiais deve considerar o desenvolvimento de novas habilidades e aguçar o interesse das pessoas com necessidades especiais, tornando a rotina escolar agradável e produtiva.

### **Referências Bibliográficas**

BELISARIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. (Coleção Educação especial na perspectiva da inclusão escolar). v9, Brasília, 2010.

Berthold, Margot. **História Mundial do Teatro**. Tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg. Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. -- São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: 2008.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky** / Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Scipione, 1997.

Mantoan, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** — São Paulo : Moderna , 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

Silva, Andréa Natália da. **Currículo e práticas mono/multi/interculturais e a produção de identidades e diferenças na Escola Estadual do Campo Nova Itamarati** / Andréa Natália da Silva. -- Campo Grande, 2014. Disponível em: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/15173-andrea-natalia-da-silva.pdf>. Acesso em 2 de agos de 2019.